

CARVALHO, R. *Ensinar a ler, aprender a avaliar*. avaliação diagnóstica das habilidades de leitura. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

Camila Pilotto Figueiredo

Universidade Federal de Pelotas (UFPel/Brasil)

figueiredo.camilapilotto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3080-9367>

O livro *Ensinar a ler, aprender a avaliar*, de Robson Santos Carvalho, é o 62º livro da série *Estratégias de Ensino*, publicada pela *Parábola Editorial*. A série, que tem sua primeira publicação em 2005, reúne obras de autores, em sua maioria brasileiros, os quais abordam linguagem e educação sob as mais diversas perspectivas, contribuindo para a qualificação da pesquisa no Brasil.

O livro resulta do percurso profissional de Robson de Carvalho, tendo sido fortemente influenciado pelos cursos de formação continuada sobre habilidades de leitura ministrados em Minas Gerais, que geraram dados para a sua pesquisa de doutorado, concluída em 2014.

A obra de Carvalho tem como objetivo principal apresentar, propor e ensinar aos professores um modelo avaliativo denominado *avaliação diagnóstica das habilidades de leitura*. Segundo o autor, a pergunta que guia a obra é o quanto as atividades de leitura e interpretação textual realizadas pelos professores podem contribuir para a construção da competência leitora dos estudantes.

A obra se estrutura em cinco capítulos. O primeiro, intitulado *Habilidades, Competência Leitora, Texto e Leitura*, introduz conceitos basilares para a compreensão da noção de avaliação proposta pelo autor. Carvalho explica que, para desempenhar funções, como a leitura, é necessária a mobilização de determinadas habilidades que permitirão que se alcance o que

* Sobre a autora ver página 206.



se deseja. Quando um indivíduo conhece as habilidades necessárias para tal e sabe utilizá-las harmonicamente, possui competência; no caso tratado, a competência leitora. Tendo em vista que habilidades são definidas como um saber fazer algo específico e que só podemos percebê-las através do desempenho, ou seja, do uso que se faz delas, será através da avaliação diagnóstica que o professor identificará o nível das habilidades nos alunos e poderá agir a fim de aperfeiçoá-las, construindo a competência de leitura desejada.

Ainda nesse capítulo, o autor explica que a avaliação diagnóstica se baseia na leitura como um processo de interação entre leitor e texto, o que significa que o leitor é um ser ativo, que leva ao texto seus conhecimentos prévios e mobiliza habilidades que permitirão a criação de sentidos. Considerando que nos comunicamos por textos, o autor explica que o conjunto das habilidades de leitura é requisito necessário para a compreensão e construção de seus sentidos. Assim, as proposições de Carvalho permitem inferir que quanto mais bem desenvolvidas forem as habilidades de leitura dos estudantes, mais qualificado e eficaz será esse processo de construção de sentidos.

No segundo capítulo, intitulado *O que é a Avaliação Afinal?*, o autor se debruçará no tema da avaliação e em seguida tratará da noção específica de avaliação diagnóstica. Carvalho aborda o desenvolvimento da noção de avaliação a nível global e nacional, além de apontar algumas de suas funções e aplicações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Segundo Carvalho, estamos em um momento chamado *novas tendências em avaliação*, o qual tem contribuído para a consolidação de uma nova cultura avaliadora, como é o caso da avaliação diagnóstica das habilidades de leitura.

Ainda, o autor propõe que a avaliação diagnóstica seja feita em três fases distintas: no início do processo, como ponto de partida; em seu transcurso, a fim de que o professor possa reorientar as práticas de aprendizagem, caso necessário; como etapa conclusiva de um ciclo, objetivando constatar as aprendizagens que foram feitas no período estimado. A avaliação diagnóstica deve ser vista como uma ferramenta investigativa, dando subsídios para a identificação do estágio de desenvolvimento de cada aluno e para responder ao porquê de os alunos aprenderem ou terem dificuldades em pontos específicos ensinados. Por fim, Carvalho elenca diversas características e vantagens da avaliação diagnóstica, como o fato de ela ser qualitativa, ou seja, sensível às diferenças e processos de aprendizagem de cada aluno, de ser informativa, visto que fornece dados sobre as habilidades a serem trabalhadas para construir a competência leitora e, ainda, de ser totalmente aplicável nas escolas.

Matrizes de Referência das Habilidades de Leitura é o título do terceiro capítulo da obra de Carvalho. O autor apresenta as matrizes de referência do SIMAVE (Sistema Mineiro de Avaliação da Educação) e do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) referentes ao 9º ano do ensino fundamental

e ao 3º ano do ensino médio, mostrando que não há diferenças substanciais entre elas. As matrizes são importantes, pois descrevem as capacidades próprias da leitura em textos de diferentes gêneros; são organizadas em seis eixos os quais, conforme o autor, não são muito claros em suas características. Assim, Carvalho apresenta e descreve isoladamente as 23 habilidades que compõem as matrizes de referência para os anos mencionados.

Outro ponto importante do capítulo é a proposta de trabalho com as habilidades de leitura sob a perspectiva da *análise textual discursiva* (ATD). Carvalho relaciona tais habilidades às categorias denominadas *operações de textualização*, do autor Jean-Michael Adam, propostas para a análise de textos concretos. Carvalho explica que, mesmo que o autor de fato não mencione habilidades de leitura, elas podem ser aproximadas às suas categorias, gerando um resultado muito mais rico e promissor do que se trabalhássemos as habilidades isoladamente. O autor fornece exemplos de análise de habilidades segundo tais categorias.

O quarto capítulo da obra, denominado *Avaliação Diagnóstica de Habilidades de Leitura: Experiências Bem-Sucedidas*, traz informações gerais acerca da análise de onze provas interpretativas aplicadas a 2.306 alunos do 5º ano do ensino fundamental, além de mais de 392 questões respondidas por alunos do 9º do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio de Minas Gerais, as quais serão exploradas no quinto capítulo. É importante notar que o autor realiza um recorte específico das habilidades analisadas. No SIMAVE, encontramos 23 habilidades, sendo que 16 delas aparecem nas provas elaboradas pelos professores; dessas, o pesquisador seleciona oito, mas apresenta seis, visto que não inclui a categoria de habilidades menos recorrentes.

Carvalho faz um relato sobre a implementação dos cursos de formação continuada oferecidos à rede municipal das onze cidades do sul de Minas Gerais, que ocorreram entre os anos de 2007 e 2011 e que geraram as questões analisadas. O autor relata que algumas questões elaboradas levantaram a suspeita de não estarem bem construídas. Mais preocupante ainda é que, segundo Carvalho, essas suspeitas se manteriam mesmo quando se está falando de questões consideradas aptas a fazer parte de bancos de itens como os do ENEM e os da Prova Brasil. Algumas causas desses problemas foram antecipadas já no segundo capítulo da obra: os formadores dos cursos perceberam casos de má formação dos docentes, de professores com dificuldades de compreensão da avaliação diagnóstica e, por fim, casos de falta de domínio das habilidades a serem ensinadas. Essas inquietações geraram a questão guia da obra e levaram Carvalho à decisão de realizar uma nova coleta de dados (segunda testagem) a partir de um teste desenvolvido por ele mesmo, a qual tem por base a hipótese de que, a despeito do tipo de questão formulada, os alunos mobilizam as habilidades que dominam para respondê-las.

Analisando Provas, quinto e último capítulo da obra de Carvalho, é dedicado à análise de questões das provas de acordo com habilidades de leitura

requeridas. Carvalho organizou a análise das questões em três categorias compostas por duas habilidades cada¹: (A) *habilidades mais recorrentes*, que conta com a habilidade de inferir o sentido de palavra ou expressão (D5) e estabelecer relações entre partes dos textos (D15); (B) *habilidades com maior percentual de acertos*, que engloba tanto a habilidade de identificar conflito gerador do enredo e outros elementos da narrativa (D19), quanto o estabelecimento de relações de causa e consequência entre as partes de um texto (D12); (C) *habilidades com maior percentual de erros*, composta pela habilidade de reconhecer efeitos de sentido decorrentes da pontuação (D21) e de estabelecer relações lógico-discursivas presentes nos textos (D11).

O pesquisador apresenta, ainda no quinto capítulo, a segunda testagem, que tem como base a ATD de Adam. Nessa testagem, Carvalho opta por elaborar diferentes versões das questões, a fim de verificar se a forma de elaboração interfere na compreensão dos alunos: prova aberta, prova mista e prova exclusiva de múltipla escolha. É importante mencionar que o autor acreditava que haveria coincidência entre os acertos das questões de múltipla escolha e de questões abertas, entretanto, os resultados mostraram baixo nível de acertos nas últimas, o que indica maior dificuldade na realização desse tipo de questão. Apesar disso, ao comparar esses diferentes tipos de prova, não houve diferenças significativas no padrão de resposta dos estudantes. Por fim, o pesquisador ressalta que as categorias da ATD proveram elementos para a confirmação da hipótese de que os alunos mobilizam as habilidades que possuem para acertar as questões, independentemente de quais habilidades elas requeiram.

Carvalho, na conclusão de sua obra, reforça diversos resultados que foram alcançados ao longo dos capítulos e, sobretudo, nas análises das provas. Uma das observações mais significativas é aquela que responde à questão guia do livro. O autor afirma que não parece que as atividades propostas pelos professores sejam eficazes para que os alunos construam a competência de leitura. É possível dizer que os professores tendem a centrar as atividades interpretativas em algumas habilidades pautadas na superfície textual, de modo que habilidades mais complexas, como D11 e D21, não são bem desenvolvidas. Além disso, essas habilidades frequentes parecem criar certo condicionamento nos alunos ao buscarem apenas respostas que se encontram na superfície, o que traz dificuldades para a construção da competência leitora. Assim, considerando que as práticas de leitura, como são realizadas atualmente, pouco contribuem para a construção dessa competência, a análise diagnóstica de leitura se justifica e se apresenta como uma alternativa promissora para inverter esse quadro.

Um dos méritos da obra de Carvalho é que o autor traz temas e reflexões de modo a levar os docentes atuais ou futuros à reflexão quanto a sua própria prática e aos desafios tidos pelos professores de língua portuguesa

¹ Os descritores das habilidades de leitura em parênteses, logo após a citação de cada habilidade, estão conforme a matriz de referência do SIMAVE/PROEB.

e literatura no Brasil. Mais ainda, a obra leva à autoavaliação e auto-crítica quanto às próprias habilidades e limitações que temos enquanto professores, visto que, como foi mencionado, muitas dificuldades no ensino são advindas de carências dos docentes quanto ao domínio das habilidades a serem ensinadas ou de dificuldades do ensino a partir de uma nova perspectiva. Ainda, o texto mostra sua importância ao reforçar a perspectiva de que a avaliação é um processo, dando um norte para que o professor saiba como agir a fim de desenvolver as habilidades de leitura dos alunos. Essa visão vai de encontro ao que encontramos frequentemente nas escolas, onde a perspectiva de nota como medida e classificação ainda é bastante forte, e contribui para nos inserirmos efetivamente no momento denominado *novas tendências em avaliação*.

Não me parece, entretanto, que a obra forneça um passo-a-passo de como realizar a avaliação diagnóstica de leitura, como é mencionado no prefácio do referido texto. Certamente a obra apresenta muito bem esse modelo de avaliação, justificando-o e dando exemplos através das análises e dos comentários fornecidos pelo autor, entretanto, seriam necessárias maiores diretrizes para que o professor inexperiente nesse modelo de avaliação conseguisse aplicá-lo com segurança. Ainda, se tivermos em mente que as provas analisadas na obra foram construídas por docentes que passaram por um curso de formação continuada sobre avaliação diagnóstica e que mesmo assim elas apresentaram inconsistências, é razoável admitir que a leitura da obra, sem a possibilidade de discussão com o formador e sem conter a prática orientada da construção da avaliação diagnóstica, dificilmente levará à aprendizagem plena desse modelo avaliativo com o qual os professores carecem de familiaridade.

Isso certamente não diminui o valor do livro, que além de fomentar a reflexão e discussão sobre as práticas avaliativas, propõe uma alternativa embasada em ampla pesquisa e ainda fornece elementos para que o professor busque transformar sua prática. A leitura é, então, fortemente recomendada tanto aos atuais professores quanto aos futuros docentes de língua portuguesa e literatura do ensino fundamental e médio que visam a fortalecer uma nova cultura avaliativa em nosso país.

Recebido em 24 de janeiro de 2021.

Aceito em 19 de junho de 2021.

Publicado em 30 de novembro de 2021.

SOBRE A AUTORA

Camila Pilotto Figueiredo é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras pela UFPel, além de Mestra, Bacharela e Licenciada em Filosofia pela mesma instituição. Professora no Curso de Licenciatura em Filosofia a Distância da Universidade Federal de Pelotas (UAB). Integrante dos projetos de pesquisa “Émile Benveniste e a abertura para uma antropologia histórica da linguagem” e “Retorno a Saussure: Releituras”.

E-mail: figueiredo.camilapilotto@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3080-9367>